

.....

PÁSCOA 2020

**«VIVO,
JÁ NÃO EU,
ÉS TU QUE
VIVES
EM MIM»**

**Notas das falas de Pigi Banna e Julián Carrón
em videoconferência
com os jovens de Gioventù Studentesca**

Sábado Santo, 11 de abril de 2020

.....

CL



PÁSCOA 2020

«VIVO, JÁ NÃO EU, ÉS TU QUE VIVES EM MIM»

**Notas das falas de Pigi Banna e Julián Carrón
em videoconferência
com os jovens de Gioventù Studentesca**

Sábado Santo, 11 de abril de 2020

◉ PIGI BANNA ◉

Vença em nós o desejo de participar, da forma como pudermos. Procuremos ter a atenção, o silêncio, a disponibilidade de não levar este momento como um entre os muitos que certamente vimos pelo computador ou pelo celular neste mês. E para nos colocarmos nessa posição de atenção, de disponibilidade e de silêncio, peçamos a Nossa Senhora para termos a mesma atitude que ela teve quando recebeu o anúncio do anjo.

Angelus

A realidade subverteu qualquer esquema

Nós nos estamos encontrando de um jeito muito estranho, de um jeito que nenhum de nós poderia sequer ter imaginado um mês atrás. Um mês atrás nós até tínhamos o luxo de poder reclamar da rotina de sempre, corríamos ansiosos atrás dos mil e um prazos que a vida nos impunha, até que de repente, como todos bem sabemos, a realidade subverteu todos os esquemas. A emergência da Covid freou bruscamente nossa corrida, mudando nossos hábitos, mas sobre-



tudo apresentou-nos problemas que achávamos que podíamos deixar de lado. Como toda crise, obrigou-nos a retornar ao essencial, às perguntas fundamentais.¹ Entre os muitos relatos que vocês me mandaram, um só já basta em que facilmente podemos identificar-nos:

Várias vezes neste período me peguei pensando na morte. Eu chorei. Várias vezes coube a mim fazer as compras e outras tarefas que me fizeram ter de lidar com o meu tempo, do qual, iludido, eu achava ser o dono. Além disso, meu pai trabalha numa UTI... E depois, o que será do exame de maturidade [exame obrigatório ao fim do ensino médio na Itália, ndt.] E do depois... Isto tem sido um mar, onde venho navegando desde o início do ano, e várias vezes quase me afoguei. Entre imprevistos e projetos cancelados. A realidade subverteu qualquer esquema.

Impotência: vagabundos, sós, prisioneiros

Quem é que não poderia subscrever essas palavras? A realidade bagunçou todos os esquemas, revelando toda a nossa impotência: esta me parece a primeira evidência, que todos compartilhamos neste período. Impotência.

Uma impotência que se mostra às vezes na incapacidade de fazer algo de bom e de útil nos nossos dias, que passamos vagando no encerramento de nossas próprias casas. Bem agora que estamos livres do desempenho e do julgamento dos outros, sentimo-nos vagabundos em casa. Tentamos de algum modo acompanhar as videoaulas, ficamos esperando o “banho de sol” para fazer videochamadas, pulamos de uma série de TV a outra, afundando cada vez mais no sofá ou na cama, esperando encontrar algo de útil para fugir do tédio e da passividade, mas os resultados são poucos. Parece-me ainda mais verdadeiro aquilo que Orwell escreveu num famoso romance: «As únicas coisas verdadeiramente típicas da vida moderna não eram nem a crueldade nem

¹ «Uma crise nos obriga a voltar às questões mesmas e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada à reflexão» (H. Arendt, *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 223).

a insegurança, mas apenas a nudez, a miséria, o desânimo».²

Talvez mais do que nunca, neste período sentimos a necessidade de redescobrir o gosto, o colorido da vida, algo que lhe dê sentido.

Mas, como eu dizia, sentimo-nos impotentes. Uma impotência que tocou com a mão quem quer que tenha sido atingido direta ou indiretamente pela doença, não podendo fazer quase nada pelos entes queridos. Mas é uma impotência, uma solidão, que também quem não está doente viveu, como escreve mais um de vocês:

«Minha namorada me deixou, meu amigos *desapareceram*, em família não dá para conversar com ninguém, todos estão nervosos e preocupados com as circunstâncias».

Enfim, não está sozinho só quem morre nos hospitais, nós também podemos sentir-nos sós quando parecemos sufocar no “túmulos” dos nossos quartos. Não apenas vagabundos, mas sós. Como nunca antes, sentimos a necessidade de redescobrir um amor verdadeiro, aquele amor que não nos faça uma companhia intermitente, mas sempre, mesmo quando estamos fisicamente sozinhos.

No entanto, esta impotência retorna, retorna com o rosto da raiva: a raiva de não poder sair, de ter de respeitar as regras, sentindo-nos como prisioneiros. Prisioneiros na própria casa. Mas quantas vezes não tivemos a tentação de fugir de tudo, fugir do julgamento dos outros, fugir dos prazos e ficar entocados no nosso quarto? Pois é, agora podemos fazer isso, mas nos sentimos prisioneiros. Uma de vocês escreveu: «Eu me pego todos os dias sem saber minimamente o que fazer com esta liberdade»; temos a liberdade e nos sentimos prisioneiros. E um escritor russo, Tolstói, parece reforçar a dose: «Achava-se agora aprisionado por todos os lados nas malhas de uma vida estúpida, vazia, insignificante e sem propósito, à qual não via nenhuma saída».³

Nunca como neste período sentimos a necessidade de redescobrir o gosto, o amor verdadeiro pela vida e principalmente pela liberdade, aquela liberdade que possa fazer-nos sentir livres mesmo entre as quatro paredes do nosso quarto.

2 G. Orwell, 1984. Tradução de Wilson Veloso. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

3 Cf. L. Tolstói, *Ressurreição*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Uma ocasião para olharmos de frente a nós mesmos

Vagabundos, sós, prisioneiros. Em uma palavra: impotentes. Quem de nós não se sentiu assim, pelo menos por um momento nestes meses? Mas não precisamos escandalizar-nos, não precisamos repreender-nos por isso, aliás, podemos olhar com ternura para estas emoções que cada um de nós viveu. Com ternura e como uma ocasião de descoberta. O que é que, de fato, revelam de nós mesmos? O que é que diz de nós essa sensação de impotência? Revela que nós temos necessidade, nós “somos” necessidade – principalmente neste período – de algo essencial: encontrar alguém ou algo que nos devolva esse sentido, nos devolva esse amor, nos devolva essa liberdade da qual tanto precisamos, mas que não nos podemos dar por nós mesmos. Dizendo com todas as palavras: não são suficientes as mensagens consolatórias de todo tipo, o otimismo de quinta, que até nos faz rir, nos alegra por um instante, mas não nos muda, não deixa rastros nos nossos dias, não nos dá o essencial para viver não só o amanhã, mas o aqui e agora, como uma de vocês escreveu:

«Que sentido teria dizer “só vou ser feliz quando acabar a quarentena, quando tudo acabar bem”? Que sacanagem seria? Por que não posso ser feliz também aqui? Se não posso ser feliz também aqui, não o serei de verdade nem quando puder sair!»

É bem verdadeiro o que diz essa amiga, porque é o nosso eu, a nossa humanidade, que vem à tona neste período como nunca antes: uma exigência de verdade, de gosto, de amor, de liberdade. Claro, há perguntas enormes cujas respostas não possuímos, que parecem grandes demais em relação à pequenez das nossas tentativas, mas essas perguntas nos constituem. Como demonstra o que escreveu uma garota a seu professor:

«Que sentido o senhor encontra neste período, em que todo o mundo parou, mas apesar disso a vida de cada dia nos apresenta desafios que parecem insuperáveis?»

Que sentido encontra? O nosso eu humano é estranho mesmo. Estranho mesmo, mas único. Somos diferentes dos animais. O animal contenta-se com adaptar-se às circunstâncias imprevistas para sobreviver, senão morre; nós não, nós não nos contentamos com sobreviver à quarentena, pelo contrário; quando encurralados, sentimos em nós essa necessidade única de entender, de pergun-



tar: «Por quê? Onde está o sentido disso tudo? Onde foi parar o amor verdadeiro, aquele que dá liberdade e não nos deixa sentir sozinhos?»

Se não quisermos sair das nossas casas (quando pudermos sair) ainda mais desconfiados na vida, ainda mais amedrontados, ainda mais senis do que antes, talvez este seja justamente o período em que, sem nos escandalizarmos com tudo o que estamos vivendo, podemos finalmente olhar de frente para o nosso eu e dar ouvidos a essas perguntas. Não digo saber uma resposta, mas pelo menos dar ouvidos a elas. E o que descobrimos neste mês, quando demos ouvidos às perguntas?

A realidade é um dado maior que os nossos pensamentos

Lendo o que vocês escreveram e pensando em mim, na minha experiência, eu diria que a primeira coisa que descobrimos foi a realidade. Como esta realidade, a da Covid-19, que transformou os nossos pensamentos. A realidade. Ela impôs-se como um dado que não depende de nós, mas do qual nós dependemos. Essa realidade, da qual nos queixávamos um monte de vezes, que dávamos por óbvia por nos sentirmos donos dela, obrigou-nos a olhá-la de frente e a reconhecê-la pelo que é: um dado, um dado que não podemos manipular como queremos, diante do qual somos passivos antes de mais nada.⁴ Podemos então aceitá-la, reconhecê-la, acolhê-la, tentando vivê-la intensamente, ou então podemos fechar-nos e recusá-la. Mas, como quer que seja, quer a afirmamos quer a recusemos, uma coisa é evidente: não somos nós que a fazemos. Nenhum de nós teria desejado produzir o Coronavírus.

Uma de vocês escreveu: «Eu me dou conta do quanto a realidade é mais, mais do que tudo o que tenho na cabeça». A realidade é sempre mais; e talvez, em vez de nos opormos ou fecharmos a ela, nos convenha segui-la e vivê-la intensamente, como conta outra amiga nossa:

«Nada parecia tocar-me quando, na noite da superlua, saí ao jardim para observar o céu estrelado. Fiquei uma meia hora sozinha fixando um ponto parado no espaço, quando as lágrimas cobriram meu rosto: como eu podia ser tão estúpi-

⁴ «A própria palavra “dado” é vibrante de uma atividade, diante da qual permaneço passivo: e é esta passividade que constitui a minha atividade originária, a de receber, constatar, reconhecer» (L. Giussani, *O senso religioso*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017, pp. 116-117).

da a ponto de não me dar conta de uma coisa tão simples e mágica como um céu daquele tipo? Eu estava lá, naquele momento, fora, no jardim de casa, chorando por um monte de constelações e asteroides postos ali justamente para mim».

Não podemos deixar de nos dar conta, se pararmos por um momento, de que nós não fizemos nada de tudo o que nos circunda: tudo nos é dado. Mas... tal como o céu estrelado, maravilhoso, será que também nos é dado o Coronávirus? O que significa aceitá-lo?

Presenças realmente amigas

É uma pergunta vertiginosa; sozinhos, como sabemos, é difícil ficar diante dela, é difícil sozinhos aceitarmos uma realidade assim. Neste mês, se pensarmos bem, só quando encontramos ou redescobrimos alguns rostos de amigos, algumas presenças totalmente diferentes das outras, inesperadas, só quando as encontramos é que foi possível aceitar a realidade e não fugir, fechando-nos em nós mesmos. São presenças diferentes, como uma professora à qual os alunos, conectados em videoaulas, disseram: «Professora, aqui todos nós estamos tensos, mas você está sorrindo, como consegue sorrir nesta situação?»

São presenças que percebemos logo, pois são diferentes em relação aos “tapinhas nas costas” dados em videochamadas que não consolam, não fazem verdadeira companhia, não nos tiram da solidão e principalmente do vazio dos nossos pensamentos. Como descreve Pasolini com uma expressão estupenda: «Sempre falta algo, há um vazio / em cada intuição minha. E é vulgar, / este não ser completo, é vulgar, / jamais fui tão vulgar como nesta ânsia, / este “não ter Cristo” – um rosto / que seja instrumento de um trabalho / não de todo perdido na pura intuição solitária».⁵

Há algumas faces que nos tiram do nada dos nossos pensamentos e rompem a monotonia deles. E – como escreveu Carrón – são «presenças realmente “amigas”, [...] presenças [...] tão excepcionais [...] que nos deixam sem palavras, em silêncio»: ⁶fizeram-no com gestos muito simples (um telefonema, uma

5 P. P. Pasolini, “VI. L'alba meridionale”, de *Poesia in forma di rosa (1961-1964)*. In: Idem, *Bestemmia. Tutte le poesie*, v. II. Milão: Garzanti, 1995, p. 801.

6 J. Carrón, *Carta ao movimento Comunhão e Libertação*, 12 de março de 2020, p. 3. Disponível em portugues.clonline.org.



mensagem), mas eram diferentes dos outros, pois essas presenças amigas não se envergonhavam de nós, mas nos punham de novo diante da realidade, e nos amaram mais do que nós mesmos. A diferença deles foi muito fácil de identificar neste período tão difícil. Escreve um de vocês:

«Fiquei mudado com a lealdade e a sinceridade dos meus amigos, que não se pouparam nem um grama da dor desta situação, sem restrições: a contaminação pelo vírus de amigos e parentes, o medo, as dificuldades com a escola. Isso me deu uma rasteira, me derrubou da zona de conforto que eu tinha criado. Diante dos relatos extremamente verdadeiros e da humanidade de pessoas mais velhas do que eu, eu também percebi o desejo de viver esta quarentena “como homem”, sem máscaras».

Uma nova autoconsciência

Eis a grande descoberta: quando encontramos essas pessoas, não só os nossos olhos se abrem para a realidade, mas vem-nos o desejo de viver como homens, sem máscaras, devido ao olhar de amor que elas trazem ao nosso eu. Não têm medo e vergonha de nós mesmos e introduzem-nos a uma nova consciência de nós mesmos, a uma nova autoconsciência. Quando estamos com elas, quando pensamos nelas – digam-me se não é verdade – brota uma profundidade de nós que nunca poderíamos imaginar. Quem pode mudar de verdade o mundo é uma pessoa que já hoje começa a olhar-se assim. Já dizia Dom Giussani: «A força de um sujeito está na força da sua autoconsciência, isto é, na percepção que ele tem dos valores que definem sua personalidade».⁷ Para dar um exemplo, leio um trecho de uma carta que uma amiga enfermeira, que todo dia luta contra a Covid-19, escreveu a Carrón:

«Certamente eu preferia não trabalhar nesta situação com os pacientes de Covid, em vez de ser obrigada a isso. Eu preferia um monte de outras coisas. Mas o meu coração, tão necessitado de tudo, como tem estado nestas semanas, eu não o trocava por nada no mundo. É um gosto novo das coisas! É só porque sou amada que posso enfrentar esta situação com letícia».

Só quando a pessoa se descobre amada é que pode começar a dizer: «O meu

7 L. Giussani, *O senso de Deus e o homem moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 155.



coração, tão necessitado de tudo, eu não o trocaria por nada no mundo». Descubra a grandeza de seu coração quem se sente amado. Esse coração que todos, todos, trazemos conosco. E quem de nós se deu esse coração? Quem de nós assinou o certificado para tê-lo implantado? Quem de nós lhe deu a permissão para bater? É só graças a esses encontros que redescobrimos a mobilidade deste coração, tão impotente, que se sente prisioneiro, sozinho, e no entanto tão exigente, porque não se faz por si mesmo. É feito, é querido, é amado.

Nestes dias estive pensando na fila de caixões empilhados nos caminhões do exército – todos nós o vimos, imagens chocantes – e me perguntei: que é o homem? É como uma folha de grama, ontem vivia e hoje não vive mais.⁸ No entanto, entre o nada do qual viemos e a nossa morte, sem que você o quisesse, você agora existe, eu existo, alguém nos quis, nós não nos demos, não nos estamos dando o ser. Havia o nada de mim, de você, mas do nada alguém nos quis e nos ama agora.⁹

Que consciência incrível podemos ter de nós mesmos! Que consciência incrível: eu agora sou querido, sou amado, não me dou o ser; e a quem me está dando o ser, timidamente, conforme amadureço, começo a dizer tu, “Tu”, “Tu que me fizeste assim, Tu que me fazes”. «Isto é a oração: a consciência de si até o fundo que se depara com um Outro»,¹⁰ que o quis, que o ama. A oração não é uma série de gestos, de ritos, de palavras ao vento como os cantos nas varandas deste período. A oração é a expressão madura de alguém que começa a dizer: «Que Graça que eu exista! Que Graça, que coisa incrível que alguém me tenha

8 «Que é o homem, Senhor, para vós? Por que dele cuidais tanto assim, e no filho do homem pensais? Como o sopra do vento é o homem, os seus dias são sombra que passa» (Sl 144,3-4).

9 «Antes havia o nada, o nada de todas as coisas, mas, mais precisamente, o nada de você e de mim: a palavra “eleição” marca a fronteira, o limiar entre o nada e o ser. Do nada, o ser floresce como escolha, como eleição: não há outra condição que possa ser aventada, não é possível pensar em outra premissa. Essa escolha e essa eleição são a pura liberdade do Mistério de Deus em ação, a expressão da liberdade absoluta do Mistério» (L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 71).

10 «Quando olho para mim mesmo e percebo que não estou sendo feito por mim, então eu, com a vibração consciente e repleta de afeição que urge nessa palavra, só posso dirigir-me à Coisa que me faz, à fonte da qual provenho neste instante, usando a palavra “tu”. “Tu-que-me-fazes” é o que a tradição religiosa chama Deus, é aquilo que é mais do que eu, é mais eu do que eu mesmo, é aquilo pelo qual eu sou. [...] A consciência de si mesmo até o fundo percebe, no fundo de si, um Outro. Isto é a oração: a consciência de si até o fundo que se depara com um Outro. Dessa forma, a oração é o único gesto humano no qual a estatura do homem é, realiza-se inteiramente» (L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 163).

querido!» E a esse Tu que me faz, eu dirijo todas as perguntas que me urgem: «Por que permitiste esta realidade?»; «Por que me quiseste aqui, nesta realidade?»; «Por que não a impediste?»; «Que queres de mim?»

Se tivermos essa autoconsciência no fundo de nós, inclusive hoje, fechados nas nossas casas, por mais que tenhamos errado, por mais que estejamos cheios de erros e nos sintamos prisioneiros, esta já é a revolução do mundo. Não precisamos esperar sair das nossas casas, porque já hoje estamos prontos para enfrentar qualquer desafio. É este o grande ganho que podemos obter – paradoxalmente – dos tempos do Coronavírus: uma nova consciência de si, segundo a qual eu sou amado, qualquer coisa eu faça ou venha a fazer.

Um Homem do qual depende a positividade da existência

Eu tenho esta certeza, posso falar-lhes com esta certeza do coração de cada um de vocês, do coração de cada um de vocês, porque a minha história, como a história de muitos de vocês que estão escutando, foi alcançada pelo anúncio de um Homem que, no fundo de si, sempre se sentia amado, no fundo de si sentia que não estava neste mundo por engano, dizia que era o Filho de Deus, o Filho predileto de Deus.

E Ele, como nós, viveu toda a impotência que estamos compartilhando neste período: a prisão, a solidão, o abandono, a traição até o vazio da morte, contudo mesmo naquele momento ele não deixou de dirigir-se ao Pai, perguntando-lhe: «Por que permitiste tudo isto?»; «Não podia ser evitada esta provação?»; «Por que me abandonaste?» Assim morreu o Filho do Homem: entregando-se nas mãos do Pai.

Esse homem, pouco menos de dois mil anos atrás, venceu a morte, e a Sua vitória nos alcança hoje concretamente justamente através das presenças amigas de que falávamos, aquelas presenças em que, como diz Carrón, é possível ver encarnada a experiência da vitória, a experiência da ressurreição.¹¹

«Esse Homem ressuscitado é a Realidade da qual deriva toda a positividade

¹¹ «Mais do que qualquer discurso reconfortante ou receita moral, então, o que precisamos é identificar pessoas em quem conseguimos ver encarnada a experiência *desta* vitória, a existência de um significado correspondente aos desafios da vida» (J. Carrón, “Eis como nas dificuldades aprendemos a combater o medo”, *Corriere della Sera*, 28 de fevereiro de 2020. Disponível em portugues.clonline.org).

da existência de qualquer homem», dizia Dom Giussani. De modo que «o verdadeiro protagonista da história é o mendicante: Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo». ¹² Por isso, não com desespero, mas com fé n'Ele, descobrimo-nos mendicantes e podemos fazer aquelas perguntas que nos vêm neste período e que Ele compartilhou conosco: «Por que tudo isto?»; «O que queres de nós?»

Estas perguntas dirigidas a Ele com fé, a fé na vitória d'Ele, deixam-nos com a certeza de podermos construir já hoje um mundo novo, sem ter de esperar sair das nossas casas, porque esse é o eu novo, o eu que se sente muito mais “eu mesmo” quanto mais se sente amado.

Antes de lhes desejar uma feliz Páscoa, devo anunciar-lhes uma surpresa desse Amor que está no fundo de nós mesmos: a presença de Julián por videoconferência; pela forma como nos acompanhou neste período, ele quis estar conosco também hoje para nos cumprimentar.

◉ JULIÁN CARRÓN ◉

Bom dia, olá a todos. Ontem, tentando identificar-me com o que estávamos celebrando, a Sexta-feira Santa, eu reli um trecho do então cardeal Ratzinger: «Nas grandes composições da Paixão de Johann Sebastian Bach, que cada ano ouvimos com renovada emoção na Semana Santa, os acontecimentos sinistros da Sexta-feira Santa estão imersos numa beleza transfigurada e transfiguradora. É verdade que essas Paixões não dizem nada da ressurreição – terminam com o sepultamento de Jesus –, mas na sua dignidade pura vivem da certeza do dia da Páscoa, da certeza da esperança, que também na noite da morte não se apaga. Entretanto [com frequência, neste momento que estamos vivendo], essa despreocupação tranquila da fé que nem precisa falar da ressurreição, porque vive e pensa dentro dela, tornou-se estranhamente desconhecida para nós». ¹³

Espanta-me que Jesus não tenha poupado seus amigos da provação, assim

12 L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., pp. 10, 13.

13 J. Ratzinger (Bento XVI), *Dogma e anúncio*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 283.



como não poupou a nós. Por isso, disse a seu amigo Pedro: «Eu, porém, orei por ti, para que na provação que terás de atravessar – quando eu for recusado e crucificado – tua fé não desfaleça, tua certeza do que viste na convivência comigo não desfaleça. E tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos».¹⁴

Por que Jesus não a poupou a Pedro? Por que não poupou os discípulos nem sequer do silêncio de morte do Sábado Santo? Para que pudessem chegar à compreensão do que Jesus era de verdade. Para que pudessem entender a novidade que Ele pode introduzir até na circunstância mais obscura. E nós temos de ser sempre gratos a esses amigos, a esses primeiros amigos de Jesus que atravessaram por nós a escuridão “daquela” morte.

Hoje nós podemos perguntar-nos: como será que João e André viveram qualquer circunstância da vida deles depois de terem atravessado toda aquela escuridão e tê-Lo visto vivo? Tenho certeza de que não conseguiram evitar enfrentar qualquer desafio, qualquer agitação, qualquer circunstância – por mais perturbadora que fosse –, sem ter nos olhos a presença do Cristo ressuscitado, que tinham visto vivo. Eles precisaram atravessar toda aquela escuridão para dar-se conta de que não estavam sozinhos com sua impotência, com seus problemas, com sua escuridão. A partir do dia de Páscoa, todos foram invadidos por uma Presença, única, diferente de todas as outras.

Por isso, um amigo como São Paulo pôde resumir com esta frase aquilo que viria a ser a vida de todos os amigos de Jesus depois de Jesus, depois da Sua ressurreição: «Minha vida atual na carne, eu a vivo na fé, crendo no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim».¹⁵ Os primeiros amigos de Jesus dão-nos assim a chave para entrar em qualquer circunstância, para olhar qualquer desafio: antes de fazerem qualquer coisa, antes de imaginarem como enfrentá-lo, o reconhecimento da presença viva d’Ele dominava o coração deles, a memória deles.

Portanto, não lhes dizemos o que vocês escutaram ou o que lhes diremos para contar um conto de fadas que nos afaste do desafio que estamos vivendo nestes tempos. Pelo contrário, nós partimos daqui – do reconhecimento

14 Cf. Lc 22,32.

15 Gal 2,20.



da presença d’Ele – para não precisarmos fugir desse desafio, para podermos entrar em qualquer escuridão com a companhia d’Ele, para podermos olhar qualquer circunstância da maneira correta, pois já não existe um mundo, uma circunstância, uma escuridão em que o Cristo ressuscitado já não tenha entrado e não possa entrar. Porque Ele foi o primeiro a entrar na escuridão do sepulcro; não olhou para a nossa morte de camarote, mas a sofreu, entrando no sepulcro para poder dizer, não com um discurso, não com um conto de fadas, não com um *slogan* – «tudo vai dar certo» –, mas com o fato de que a escuridão e a morte foram vencidos.

Esse anúncio fez ressoar na nossa vida um outro amigo, muito mais próximo no tempo: Dom Giussani. Ele nos disse isso, como lemos no Cartaz de Páscoa deste ano: «Esse Homem ressuscitado é a Realidade da qual deriva toda a positividade da existência de qualquer homem. Toda experiência terrena, vivida no Espírito de Jesus, Ressuscitado da morte, floresce no Eterno». Mas esse florescimento não diz respeito apenas ao futuro, «esse florescimento não desabrochará só no fim dos tempos; ele já começou, no crepúsculo da Páscoa».

Quem deixa essa Presença entrar na vida, quem reconhece essa presença viva de Cristo, começa a ver esse florescimento na própria vida agora! Por isso me marcou que uma de vocês escreveu a uma amiga mais velha – que a fez encontrar esta história que nos alcançou – que «esse algo maior se deu a conhecer da maneira mais simples possível, ou seja, fazendo acontecer fatos que aos poucos foram preenchendo com uma estranha alegria o meu coração doente de medo: é A/algum [com maiúscula e minúscula na mesma palavra] que tem o poder de me libertar da angústia porque quer fazer-me respirar a vida, a vida que há também agora e que eu vi em vocês. Eu sei, porque antes eu ficava em casa para não correr o risco de morrer, para não perder o fôlego. Agora estou em casa para viver, viver. Ficar em casa não é para me defender de uma ameaça, mas é o lugar em que espero ser alcançada pela vida verdadeira. Tudo mudou, desde o meu jeito de ver a didática à distância até o meu jeito de olhar para os amigos. “Sim, porque Ele está aqui.” [...] Viver esta nova situação com o mesmo olhar de sempre foi difícil, mas não impossível. Difícil, pois não basta repetir palavras positivas [ouvimos muitas estes dias]. Não impossível, pois basta apenas que reaconteça, e hoje reaconteceu. A verdadeira alegria está em dar a vida pela

obra de Outro, e a primeira obra sou eu, que deixei o meu humano ser nutrido pelo Único que pode fazê-lo».

Estes são os votos que lhes faço, que lhes deixo, como pediu essa garota de dezesseis anos: deixem entrar a presença viva d’Ele no coração de vocês, nas entranhas da vida de vocês, para que a circunstância atual não lhes seja um tumulto, mas o lugar da ressurreição, o lugar onde podem ver florescer o eu de vocês.

Por que lhes faço esses votos? Por que, dentre todas as coisas, escolhi fazer-lhes esses votos? Porque, como essa garota, o homem vê a partir de dentro de uma relação, como nos disse Giussani. «Como um filho ao lado do pai, como o discípulo diante do verdadeiro mestre, como um amigo perto de um amigo poderoso, o homem vê *a partir de dentro daquela relação*»,¹⁶ como João e André viram a partir de dentro da relação com o Amigo vivo deles.

Por isso temos de ter uma única preocupação, que nos indica Dom Giussani: «É como fazer com que o objeto primeiro da atenção seja esta Presença: não o “dever” a cumprir. É como fazer que o termo primeiro da afeição seja aquela Presença: não a realidade a possuir. É como fazer que a fonte primeira da qual se tira a energia necessária seja aquela Presença: não a própria força ética. A clareza do juízo [...], a inclinação afetiva para o que é certo, a força de vontade, tudo isto amadurece como consequência: de fato, na relação com aquela Presença, a totalidade da pessoa é atraída, é suscitada para o bem».¹⁷

Agora, para deixar entrar essa Presença, vamos escutar o *Regina Caeli*.

Feliz Páscoa, amigos!

16 L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 1996, p. 274.

17 *Ibidem*, pp. 274.

